

ANTÓNIO MARTINS CASTRO & FILHOS

Com doses generosas de tempo e paciência, na oficina de Joaquim e José criam-se joias capazes de derreter corações, embaladas pelo Fado.

Aqui tudo é Portugal.

A oficina era do pai e antes dele, do avô que se embrenhou no maravilhoso mundo da Filigrana aos 12 anos, divergindo do ofício dos pais, lavradores. Joaquim e José cultivam uma admiração especial pelo pai, de quem guardam memórias a sete chaves no cofre da oficina e um relicário inspirado numa fotografia de um livro antigo. É uma joia invulgar e de difícil execução, que consumiu infinitas horas de trabalho e dedicação. Tem dezoito centímetros e é, todo ele, ricamente trabalhado em Filigrana. O relicário está carregado de simbolismo da paixão de Cristo: a cruz, o cálice, o escadote, os pregos, o martelo, o chicote, a coroa de espinhos e o tenaz. “Foi a joia mais emblemática que o nosso pai fez e à qual dedicou toda a sua paixão”. O relicário foi o apogeu da criação do pai e é nele que Joaquim e José encontram ângulos de inspiração para honrar o seu legado.

A alegria do Fado da Mariquinhas ecoa pela oficina. Há alguns anos, os irmãos atreveram-se a homenagear a diva do Fado, Amália, participando na criação de um xaile em Filigrana “porque Amália cantava sempre de xaile”. Queriam superar-se, conhecer o êxtase do seu próprio apogeu, a sensação que o pai haveria de ter experienciado. O xaile, feito em ouro de 19.2 quilates, com 750g de peso e enriquecido com Corações, reproduzia a complexidade da renda portuguesa com franjas que caíam nas extremidades. O fecho, em forma de mapa de Portugal, ostentava um diamante colocado na localização de Gondomar, terra da Filigrana. Joia única, soberba!

A célebre casa da Mariquinhas “tinha na sala uma guitarra e janelas com tabuinhas” e a pedido de clientes de Lisboa, o Fado e a Filigrana teriam que se fazer representar numa Guitarra Portuguesa, um instrumento cujo timbre é de tal modo inconfundível que, onde quer que esteja, qualquer português a reconhece aos primeiros acordes. Tal como a Filigrana. E nasceu das mãos dos irmãos artesãos mais um ícone nacional, a que se seguiu a coroa da Imaculada Conceição, padroeira de Portugal, porque quem se supera nunca se supera verdadeiramente, na busca permanente de se desafiar a si próprio a ascender ao próximo nível.

A crença em Portugal é o princípio da história que se vai escrevendo em finíssimos fios torcidos e batidos. É a partir desse fervor que as mãos de Joaquim, José, Rui, Gilberto e Fernanda - ourives e enchedeira que ali trabalham - produzem joias únicas em Filigrana. Todas feitas à mão porque nenhuma máquina, por mais sofisticada que seja, tem alma portuguesa, condição essencial para criar joias singulares.

Na minudência da Filigrana, os versos do Fado vão ditando o ritmo dos dias que passam na oficina, na criação de alfinetes de peito, brincos, pendentes, anéis, pulseiras e peças decorativas. Seja *a capella*, corrido ou castiço, o Fado só é Fado se for cantado com alma e quem canta emociona-se e muitas vezes chora. Já Amália dizia, numa das suas canções, que “O Fado chora-se bem”. E a Filigrana também.

Textos de Sónia Felgueiras

Encante-se com a história
do António em vídeo

